

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

NARA CAMPOS DE OLIVEIRA MORAES DA CONCEIÇÃO

A INDEXAÇÃO DO CORPO NEGRO NA SOCIEDADE BRASILEIRA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DAS MÍDIAS SOCIAIS

Rio de Janeiro

2018

NARA CAMPOS DE OLIVEIRA MORAES DA CONCEIÇÃO

**A INDEXAÇÃO DO CORPO NEGRO NA SOCIEDADE BRASILEIRA: UMA
ANÁLISE A PARTIR DAS MÍDIAS SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Professora Doutora Juliana de Assis

Rio de Janeiro

2018

C744a Conceição, Nara Campos de Oliveira Moraes da.

A Indexação do corpo negro na sociedade brasileira: uma análise a partir das mídias sociais / Nara Campos de Oliveira Moraes da Conceição. -- Rio de Janeiro, 2018.

58 f.

Orientadora: Juliana de Assis.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, 2018.

1. Corpo negro. 2. Indexação social. 3. Representação Social. 4. Mídias Sociais. 5. Análise do Discurso. I. Título. II. Assis, Juliana de.

CDU: 025.177

NARA CAMPOS DE OLIVEIRA MORAES DA CONCEIÇÃO

**A INDEXAÇÃO DO CORPO NEGRO NA SOCIEDADE BRASILEIRA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DAS MÍDIAS SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, 09 de julho de 2018.

Prof. Dr^a. Juliana de Assis (Orientadora)
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação - UFRJ

Profa. Ma. Lúcia Maria da Cruz Fidalgo
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação - UFRJ

Prof. Dr^a. Maria Aparecida Moura (Membro externo / UFMG)
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

AGRADECIMENTOS

Exú que tem duas cabeças, Ele olha sua banda com Fé.

Ela é Tata Mironguê, Ela é Tata na Calunga, Ela é Pombo Girê.

Ô Cambinda, Preto Velho feiticeiro.

Eu vi Mamãe Oxum na cachoeira.

Xangô na Pedreira é Rei, Nanã Buruquê é quem molda a vida no barro.

Entreí na mata foi Oxóssi quem mandou.

Atotô meu Pai.

Aos meus ancestrais vivos e mortos. Porque a minha existência só é possível pela existência dos que vieram antes de mim. A força das águas, das matas, dos rios, dos mares, a estrada, o caminho, a encruzilhada, o ferro, o fogo, a firmeza, o asê que me guia.

À minha Ancestral mais velha Henidia Campos que lutou demasiadamente e ainda luta aos 83 anos de idade para que eu simplesmente possa viver.

À Rãinele Campos que no plano físico me deu a vida.

À minha filha Tainah Campos fruto do ventre abençoado que Mãe Oxum me deu.

À força da natureza, pois sou parte dela.

À minha irmã de criação Helaine Nascimento que acompanha meus passos.

À minha parceira que com seu companheirismo, amor e afeto me ajuda e aplaude meus passos.

Aos meus amigos que com carinho fazem toda a diferença nesta vida.

Ao preto José Luiz Gonçalves, e à preta Francini Rodrigues. Porque somos Reis e Rainhas, somos.

À minha orientadora Juliana Assis, mulher negra sinônimo de resistência.

À minha comunidade preta aquilombada pelo irmão Maicol Willian, comunidade que assim como eu, trabalha para retornarmos ao povo negro, tudo que sempre foi nosso por direito, retornando aos ensinamentos do Berço da Humanidade, nossa Mãe África.

“Pedra sobre pedra consegui fazer, a gruta pra Oxumarê.”

"Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo." (Conceição Evaristo)

RESUMO

Na sociedade brasileira, negros em diáspora e africanos que residem no país são constantemente lidos por meio de seus corpos das mais diferentes formas. Pensando no corpo negro enquanto suporte de informação analisa-se mediante olhar biblioteconômico, questões que dialogam com a existência desses corpos enquanto veículos informacionais e sociais. Por meio da Indexação, serão desdobrados os processos que fazem do corpo negro um importante veículo informacional, a fim de compreendermos quais fatores sociais influenciam e evidenciam as significações propostas ao corpo negro. O objetivo deste estudo é analisar a indexação social feita sobre os corpos das pessoas negras por meio das mídias sociais. Os principais conceitos abordados são: representações do corpo negro; corpo negro enquanto informação; corpo negro enquanto documento; representação social; indexação social; representação de imagem e mídias sociais. Trata-se de um estudo de caráter exploratório com abordagem qualitativa, que utilizou a observação sistemática como instrumento de coleta de dados. Evidencia a importância do conhecimento a respeito de outros povos para que possamos ser anti-racistas em nossas falas, nossas escritas e em nossas ações. A partir da concepção da representação de imagens no contexto digital, aponta a relação entre a Indexação Social e a Análise do Discurso.

Palavras-chave: Corpo negro. Indexação Social. Representação Social. Mídias Sociais. Análise do Discurso.

ABSTRACT

In Brazilian society, blacks in diaspora and Africans who reside in the country are constantly read through their bodies of the most different forms. Thinking about the black body as information support is analyzed through a library-based approach, questions that dialogue with the existence of these bodies as informational and social vehicles. Through indexing, the processes that make the black body an important information vehicle will be unfolded, in order to understand what social factors influence and evidence the meanings proposed to the black body. The objective of this study is to analyze the social indexing made on the bodies of black people through social media. The main concepts are: representations of the black body; black body as information; black body while document; social representation; social indexing; image representation and social media. This is an exploratory study with a qualitative approach, which used systematic observation as an instrument for data collection. Notice that the black body presents a reading yes, but not the reading established by the dominant peoples. It highlights the importance of knowledge about other peoples so that we can be anti-racist in our speeches, our writings and our actions. From the conception of image representation in the digital context, it points out the relation between Social Indexing and Discourse Analysis.

Keywords: Black body. Social Indexing. Social Representation. Social media. Speech analysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Nuvens de tags.....	50
Figura 2 -	Indicadores de denúncias de crimes cibernéticos.....	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 PROBLEMA	16
1.2 JUSTIFICATIVA	17
1.3 OBJETIVOS	19
2 INFORMAÇÃO	20
2.1 O CORPO ENQUANTO OBJETO DE INFORMAÇÃO.....	23
2.2 O CORPO ENQUANTO DOCUMENTO.....	25
3 REPRESENTAÇÃO SOCIAL	28
3.1 INDEXAÇÃO SOCIAL	31
3.2 REPRESENTAÇÃO DAS IMAGENS	32
3.3 MÍDIAS SOCIAIS	33
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	36
4.1 CAMPO DE PESQUISA	36
4.2 TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS	39
5 SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS: IMAGENS E DISCURSOS	40
6 ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DAS IMAGENS DO CORPO NEGRO ...	49
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS	53

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Análise dos discursos

1 INTRODUÇÃO

Nossos corpos nunca deixaram a cruz. Eu sinto os cravos em minhas mãos, a humilhação diante dos povos, a culpa sobre os ombros. E não falta quem queira chicotear. Todos os dias escolhem Barrabás. Mãe, não os perdoem. Eles sabem o que fazem. (Ventura Profana)

Na sociedade brasileira, negros em diáspora e africanos que aqui residem são constantemente lidos através de seus corpos das mais diferentes formas. Pensando no corpo negro enquanto suporte de informação analisaremos, mediante olhar biblioteconômico, questões que dialogam com a existência desses corpos enquanto veículos informacionais.

Por meio da Indexação, serão desdobrados os processos que fazem do corpo negro um importante veículo informacional, a fim de compreendermos quais fatores sociais influenciam e evidenciam as significações propostas ao corpo negro. A abordagem apresentada tem por objetivo analisar o corpo negro enquanto veículo informacional no contexto das mídias sociais. Contemplará aspectos essenciais para compreensão, ressignificação, resgate cultural e histórico dos negros no Brasil.

Quando pensamos nos africanos escravizados e trazidos para o Brasil, sempre vem à nossa mente o processo de coisificação do escravo materializado nas relações sociais daquele momento histórico e que reverbera até hoje nas relações sociais. O racismo estrutural exercido como prática institucional e relação de poder por parte de quem exerce, possibilita que as condições dos negros na sociedade permaneçam quase intactas aos do período escravocrata.

O intelectual, Silvio Almeida, em um vídeo, explica que o racismo vem a ser uma forma de racionalidade, uma vez que o mesmo constitui as relações e ações no modo de estrutura social. Ele ainda segue dizendo:

O racismo estrutural compreende-se a partir das dimensões econômica, política e sobre atividade. No campo da economia, por exemplo, no Brasil pesquisas recentes mostram que o grupo mais afetado pela carga tributária são as mulheres negras, pois o sistema tributário brasileiro reproduz as condições de desigualdade. As mulheres negras são as que recebem os menores salários. A tributação brasileira é estruturada fundamentalmente para incidir sobre consumo e sobre salário, sendo assim, as pessoas que recebem menos e também consomem, são aquelas que proporcionalmente vão pagar mais. O ganhar pouco cria privações que vão gerando tensões sociais, que por sua vez gera uma estrutura, uma cadeira que coloca os corpos das mulheres negras na base dessa pirâmide. (ALMEIDA, 2016).

O racismo estrutural e estruturante está ligado diretamente ao processo de escravização, de acordo com Gomes (2002, p. 42), o processo de escravização se estabelece

não somente na privação da liberdade, muito se dá pelas diversas formas de castigos corporais “[...] os açoites, as marcas a ferro, a mutilação do corpo, os abusos sexuais são alguns exemplos.” (GOMES, 2002, p. 42).

Se o corpo fala a respeito do nosso estar no mundo, a relação histórica do escravo com o corpo expressa muito mais do que a ideia de submissão, insistentemente pregada pela sociedade da época e que ecoa até hoje em nossos ouvidos.

Entre os séculos XVI e XIX, a manipulação do corpo, as danças, os cultos, os penteados, as tranças, a capoeira, o uso de ervas medicinais para cura de doenças e cicatrização das feridas deixadas pelos açoites foram maneiras específicas e libertadoras de trabalhar o corpo.

Durante séculos de escravidão, a perversidade do regime escravista se materializou na forma como o corpo negro era visto e tratado. A diferença impressa nesse mesmo corpo pela cor da pele e demais sinais que diferenciam os corpos serviu como mais um argumento para justificar a colonização e encobrir intencionalidades econômicas e políticas.

O corpo negro é visto como um objeto, mercadoria, demandando um discurso de desumanização. Corpos de homens e mulheres negras foram compreendidos desprovidos de alma, de humanidade. Há uma relação incisiva de animalização a estes corpos, que desumaniza e objetifica o corpo negro.

Foi a comparação dos sinais do corpo negro como o nariz, a boca, a cor da pele e tipo de cabelo em relação ao branco europeu e colonizador que, naquele contexto, serviu de argumento para a formulação de um padrão de feiura e beleza que nos persegue até os dias atuais, “O corpo é submetido a um processo de humanização e desumanização, à medida que o mesmo vai sendo tocado e alterado” (GOMES, 2002, p. 42).

Desde a escravidão, a desumanização do corpo negro se construiu a partir do discurso de supremacia racial do branco. Em entrevista à Carta Capital (2016), a escritora e professora, Grada Kilomba explicita: “Branco não é uma cor, porque é uma afirmação política que representa uma história de privilégios, escravatura, colonialismo, uma realidade cotidiana [...] A mudança começa pela autodefinição e a importância disso. É necessário desmistificar essa hierarquia.” (KILOMBA, 2016 *apud* CARTA CAPITAL, 2016).

Ainda seguindo pela entrevista, a professora Kilomba evidencia que um fator que contribui para o processo de hierarquização dos corpos, evidencia-se, pois, as pessoas brancas não se veem como brancas, se veem como pessoas. A equação ser branca, logo sou pessoa - onde este ser pessoa é a norma, mantém a estrutura colonial e o racismo. A condição de ser pessoa foi negada aos corpos pretos.

A partir da leitura construída sobre humanização e desumanização dos corpos, a análise da indexação permite observar o discurso que se apresenta comumente na sociedade: corpos negros são lidos de diferentes formas, geralmente observados por olhares que nos atribuem características e menções negativas, e nos desqualificam enquanto pessoas.

Ainda de acordo com o pensamento de Almeida (2016) o indivíduo branco não se racializa, geralmente se coloca como universal. O racismo estrutural tem um sintoma que se dá sobre as pessoas não negras, que é o efeito de naturalizar sua condição enquanto pessoa branca, o que o autor chamará de branquitude. O ser branco se torna regra, o ser negro se torna exceção. O branco não possui raça, quem possui raça é o negro. Compreenderemos que ser branco e ser negro são construções sociais que são vivenciadas a partir de privilégios estruturalmente estabelecidos.

A experiência corporal é sempre modificada pela cultura segundo padrões culturalmente estabelecidos relacionados à busca de afirmação de uma identidade grupal específica. De acordo com Carneiro (2009, p. 2):

No Brasil colonial o negro não era interpretado como um agente histórico, devido à sua condição de escravo, ou seja, era compreendido como um índice quantitativo no tráfico negreiro [...] Todo corpo é socialmente concebido, pois torna-se evidente a permanência de aspectos morais e valores culturais de matriz africana.

Ao falarmos dos corpos negros, esses valores culturais dizem respeito a matriz africana. Quando temos a permanência dos elementos e das vivências religiosas diaspóricas por exemplo, e uma respectiva configuração de África no contexto colonial, percebemos uma forma de resistência cultural africana no Brasil.

De acordo com a Fundação Cultural Palmares, em sua pesquisa de mapeamentos relacionada aos grupos de resistência negra no Brasil, foram mapeadas 2.890 comunidades quilombolas até agosto de 2017. A Fundação Palmares também é responsável pelo mapeamento dos terreiros e casas de Santos existentes no Brasil, porém esse mapeamento ocorre de forma gradual de acordo com as cidades, seus distritos e municípios.

As comunidades de tradições culturais, de subsistência e religiosas de matriz africana recebem o Mapeamento dos Terreiros, que está sendo realizado pela Fundação Cultural Palmares, vinculada ao Ministério da Cultura (MinC). O estudo ajuda na definição de políticas públicas para promover o acesso a serviços sociais e o combate à intolerância.

A experiência religiosa, portanto, permite e motiva a permanência de configurações sociais que caracterizam o afrodescendente, mesmo na condição imposta pelo colonizador como submissa a outros parâmetros

culturais [...] Experiências e signos podem permanecer, mesmo com as variações ideológicas e culturais. (CARNEIRO, 2009, p. 2).

Compreender e interpretar os símbolos religiosos que configuram o corpo do negro são necessários pois estes elementos compõem a identidade da pessoa negra. Ainda que o contato entre povos africanos de origem e práticas religiosas distintas tenha impossibilitado em partes a manutenção da religiosidade africana no Brasil, evidenciam-se permanências quase intactas de matriz africana nos espaços de vivência religiosa, filosófica, mitológica e ancestral dos negros.

Ainda segundo Carneiro (2009, p. 5), o sentido de adornar integra-se ao verbo significar, pois a partir de suas referências socioculturais concebe uma relação estética com caráter simbólico não somente religioso, mas principalmente de resgate a sua ancestralidade e resistência ao padrão europeu imposto por tantos séculos. As indumentárias passam por turbantes, contas, guias, cordões esculpidos na madeira, tecidos africanos, entre outros. Elementos estes que nos reafirmam enquanto corpos negros.

Corpos negros também passam por especificidades no que tange a hipersexualização. Corpos de mulheres e homens negros escravizados foram embebidos de sexualidade. Aos homens negros foi dada a tarefa de negros reprodutores. Às mulheres pretas, uma série de estupros e violências sexuais, muitas vezes justificadas pelas roupas de trapos, aos quais elas vestiam. A hiperexaltação em relação ao corpo preto que é indexada, reforçada e representada pelas mídias pode ser relacionada à histórica valorização das capacidades físicas – e animais - em detrimento das capacidades intelectuais - e humanas - que foram anexadas ao negro no período escravocrata.

Segundo Côrrea (2006, p. 7), “[...] estão relacionados ao negro as características e habilidades ‘naturais’, como força e sexualidade, enquanto que ao branco cabem atividades ‘intelectuais’ ou da cultura.”. Essa relação que se vê constantemente repetida em representações de estereótipos ou senso comum faz com que a leitura desses corpos permaneça no campo estrutural do racismo.

Uma abolição inconclusa possibilita a marginalização permanente atribuída a estes corpos. A assinatura da Lei Áurea, há 130 anos, não representou a libertação dos escravizados. A juventude negra constitui a maior vítima da violência urbana. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em colaboração com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) divulgaram no Atlas da Violência de 2018 que:

Uma das principais facetas da desigualdade racial no Brasil é a forte concentração de homicídios na população negra. Quando calculadas dentro de grupos populacionais de negros (pretos e pardos) e não negros (brancos,

amarelos e indígenas), as taxas de homicídio revelam a magnitude da desigualdade. É como se, em relação à violência letal, negros e não negros vivessem em países completamente distintos. Em 2016, por exemplo, a taxa de homicídios de negros foi duas vezes e meia superior à de não negros (16,0% contra 40,2%). Em um período de uma década, entre 2006 e 2016, a taxa de homicídios de negros cresceu 23,1%. No mesmo período, a taxa entre os não negros teve uma redução de 6,8%. (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2018, p. 40)

Ainda segundo o Atlas da Violência (2018, p. 41) os dados apresentados complementam e atualizam o cenário de desigualdade racial com base nos termos de violência letal no Brasil. Como pode-se observar o Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência, tendo como ano base 2015, que constatou que o risco de um jovem negro ser vítima de homicídio no Brasil é 2,7 vezes maior que o de um jovem branco. Além disso, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública analisou 5.896 boletins de ocorrência de mortes decorrentes de intervenções policiais entre os anos de 2015 e 2016, e observou-se 78% do universo das mortes no período, e, ao descontar as vítimas cuja informação de raça/cor não estava disponível, constatou-se que 76,2% das vítimas de atuação da polícia são negras.

Embora a Lei Áurea continue sendo apresentada como grandeza da nação, a realidade social dos negros depois dessa lei fica desconhecida, ou conhecida até os dias atuais em sua maioria como uma realidade marginalizada. A população negra continua na base da pirâmide social e sendo a principal vítima da violência, consequência da maneira como o processo de abolição aconteceu no Brasil.

A leitura social direcionada às mulheres negras encontra uma bifurcação durante sua análise. Ao mesmo tempo em que às mulheres negras são associadas características servis, são estas as enxergadas como as mulheres mais fortes no campo físico, capazes de suportar dores que as demais mulheres frágeis não suportariam.

Mulheres negras são as que mais morrem por complicações no parto e demais situações no Brasil. Segundo dados lançados em 2014 na campanha "SUS sem racismo", do Ministério da Saúde: 60% das vítimas de mortalidade materna no país são negras; somente 27% das mulheres negras tiveram acompanhamento durante o parto, enquanto do lado das mulheres brancas esse número chega aos 46,2%.¹

Em 26 de novembro de 2006 o jornal O Globo veiculou notícia acerca de uma pesquisa coordenada pela médica Maria do Carmo Leal, vice-presidente de ensino, formação e comunicação da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), na qual foram analisados prontuários de 9.633 grávidas (brancas e negras) atendidas pelo SUS no Rio de Janeiro, tendo sido

¹ Fonte: https://www.vice.com/pt_br/article/gv35vw/dados-violencia-no-parto-brasil

constatadas situações discriminatórias em relação às negras. O dado mais marcante da pesquisa diz respeito à anestesia no parto normal: apenas 13,5% das mulheres brancas não receberam, contra 21,8% das mulheres negras.

Alimentar a noção falaciosa da mulher negra exacerbadamente forte, capaz de tolerar toda dor e ainda ser a “mãe preta” destinada a superar mais dificuldades, é normalizar as violências sofridas por estas mulheres. Quando presumimos que estas mulheres são excepcionalmente fortes, passamos a acreditar que estas, estão acostumadas a sofrer e que suas dores são menos humanas.

À luz de Gomes (2002, p. 41), compreendemos a partir deste trabalho que “o corpo fala a respeito do nosso estar no mundo, pois a nossa localização na sociedade se dá através da sua mediação no espaço e no tempo.”. Dito de outra forma, o corpo apresenta-se então como um bem natural e ao mesmo tempo simbólico.

1.1 PROBLEMA

O contexto em que o corpo negro é constantemente indexado diz respeito a uma sociedade em que o racismo é estrutural e estruturante das relações e representações sociais. O racismo perpassa todos os espaços, sobretudo em um país como o nosso, que foi o último a abolir a escravidão e que tem a maior população negra fora da África.

A análise do racismo enquanto estruturante das relações sociais nos permite analisar a leitura feita sobre o corpo negro, assim como estudar mecanismos e formas de romper tais leituras que reafirmam o lugar do negro na sociedade brasileira. A contextualização histórica da escravidão, da pós-abolição, e o racismo enquanto sistema opressor que impede a mobilidade social da população negra será necessária para o estudo da leitura destes corpos enquanto objetos de informação.

Os desdobramentos e os acontecimentos positivos relacionadas à leitura que a sociedade faz do corpo negro, possibilitam a análise das questões que dialogam com as classificações deste corpo enquanto suporte de informação.

Enquanto suporte informacional, como o corpo negro é representado pelas mídias sociais?

Todos os elementos apontados até aqui dialogam com o cenário atual em que vivemos. Aqui, trataremos do corpo como um construto social e relacionaremos esse conceito com a questão do negro na constituição de povo, dos papéis que tem historicamente representado e que lhe têm sido atribuídos.

Espera-se que a análise dos elementos que permeiam a narrativa do problema gerado com a representação do corpo negro, ajudará na compreensão da identidade étnica, da inclusão social, e da luta pela liberdade e pelos direitos de igualdade da população negra na sociedade brasileira.

O corpo negro é representado através de duas nuances significativas: a alteridade (qualidade do que é outro ou do que é diferente) enquanto um corpo diferente do que se estabeleceu como norma ou padrão aceitável e identidade (circunstância de um indivíduo ser aquilo que se diz ser) proveniente de uma resistência construída coletivamente.

1.2 JUSTIFICATIVA

O corpo negro traz suas particularidades, pois apesar de sua descendência e sua história, lhe foram atribuídas características que deturpam a realidade de sua existência. De acordo como Silva (2014, p. 270), atentamos para o fato que nosso corpo, enquanto texto se constrói a partir do que sabemos sobre ele e também sobre o que é dito sobre ele. A população negra brasileira tem um texto pré-escrito não muito favorável à sua ascensão e valorização cultural. A corporeidade negra sofre em ser-no-mundo.

O corpo é nosso primeiro suporte de informações, sempre em ação, percebendo, processando, assimilando e criando informações em trocas inesgotáveis com o meio do qual faz parte e essa seria nossa forma primordial de relação com e no mundo. (ANDRADE, 2008, p. 48 *apud* ANDRADE, 2015, p. 233).

Em função de um passado histórico, marcado pela desumanização do corpo negro, muitos são os obstáculos na reconstrução da nossa identidade social. Por esse motivo, o corpo negro enquanto texto encontrou e ainda encontra dificuldades de vivência no mundo. Ainda assim, seguimos.

Estudar o corpo negro enquanto texto nos leva a compreender como as relações são estabelecidas, criadas e desenvolvidas a partir dos nossos próprios saberes. Quando compreendemos que a corporeidade se constitui na relação do sujeito com o seu mundo, temos no corpo do indivíduo negro um possível espaço de resistência às correntes que nos foram impostas.

Cientes do corpo como espaço para a significação do “ser”, percebemos na população negra, a identidade influenciada por toda a trama que se abate sobre sua corporeidade, todos os fatores históricos e a redescoberta de suas origens.

Como nos mostra Silva (2014, p. 266-268), a necessidade da realização deste trabalho acontece, uma vez que identificamos então que, na cultura e a educação disseminados pelos conhecimentos do colonizador, as diferenças culturais e as características físicas do corpo se tornam parte de um esquema de diferenciação e discriminação. As consequências desta arquitetura para o corpo negro reforçam a estigmatização de nossas atitudes corporais.

Corroborando com o sistema epistemológico, nos campos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, compreendemos esta relação corpo e informação, através da semiótica, uma vez que esta compreende:

A ciência dos modos de produção, de funcionamento e de recepção dos diferentes sistemas de significação entre indivíduos e coletividades, uma vez que a semiótica abrange toda espécie de linguagem pela qual podemos nos comunicar. (AURÉLIO, 2009 *apud* LEAL; ALVES, 2015, p. 1).

A corporeidade ao expressar a linguagem dos nossos corpos pretos, traz consigo os conceitos e os conhecimentos estabelecidos pela cultura ocidental. Sendo assim, a leitura da nossa corporeidade carrega as marcas dos discursos vigentes sobre a população negra.

As movimentações e atitudes corporais do negro, enquanto linguagem, fazem referência a ancestralidade e aos movimentos e expressões exercidas por nossos antepassados.

1.3 OBJETIVOS

O objetivo geral deste estudo é analisar o corpo negro enquanto suporte informacional visando compreender como ele é representado nas mídias sociais.

Como objetivos específicos, destacam-se os seguintes pontos:

- a) Identificar os princípios teóricos nos levam a compreender o corpo enquanto suporte informacional;
- b) Mapear mídias sociais a fim de identificar a representação do corpo negro;
- c) Analisar as representações sociais a partir da indexação social.

2 INFORMAÇÃO

De acordo com Dervin e Nilan (1986, p. 17 *apud* MIRANDA, 2006, p. 100) “informação é o elemento capaz de transformar estruturas de imagem, é um estímulo que altera a estrutura cognitiva do receptor.”. Tendo este, o nosso ponto de partida, compreendemos que a informação - entre os vieses da biblioteconomia e da Ciência da informação - constitui tudo aquilo que transforma o que é visto, ou seja, a informação é o estímulo que altera a estrutura de conhecimento de quem recebe a mensagem.

A informação pode ser compreendida enquanto qualquer estruturação ou organização de dados. Ela é um registro, em suporte físico ou intangível, disponível à assimilação crítica para produção de conhecimento, a “informação, é, portanto, o material de que é feito o conhecimento, após posicionamento crítico do indivíduo.” (REZENDE, 2014).

As vivências históricas e sociais possibilitam diversas leituras acerca do corpo preto. Leituras que recebem modificações de acordo com a referência instituída e do construto feito a partir dos nossos corpos.

Assim, dizemos que a leitura do colonizador sobre nossos corpos é uma, e causa diversos impactos em nossas relações com a sociedade. Da mesma forma que olhar e a leitura dos povos africanos sobre o corpo é repleto de significações, espiritualidade, ancestralidade e corporeidade.

Para Le Coadic (1996, p. 5) a informação comporta um elemento de sentido. É um significado transmitido a um ser por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal. Essa inscrição é feita através de um sistema de signos - especificamente aqui, - a linguagem corporal que é lida, indexada e representada sob diferentes perspectivas.

Os signos que constituem a linguagem são abordados pela semiótica enquanto ciência geral dos processos significativos na natureza e na cultura. Moura (2006, p. 5), menciona que a semiótica pode ser compreendida como:

Uma filosofia dos signos, o que significa dizer que a mesma estuda sua essência genuína, o seu modo de ser e a sua estrutura básica. A tese central da semiótica por Pierce informa que todo o pensamento se dá em signos. Sendo assim, os gestos, as ideias, as cognições são consideradas signos. Nesse contexto, signo é entendido como alguma coisa que representa algo para alguém.

Por conseguinte, segundo Andrade (2015, p. 233) a informação compreendida enquanto signo, estabelece no corpo um processo de mediação com o mundo e o corpo é percebido como parte constituinte das práticas informacionais. De acordo com Almeida

(2015, p. 3) a semiótica preocupa-se em estudar a natureza, as variedades, os modos de constituição de todo e qualquer fenômeno que produzem significados e sentidos, os processos de significação.

A partir desses apontamentos, pode-se observar o corpo como um agente que mantém e sustenta um conjunto de signos, uma vez que a informação enquanto significado é o efeito dos signos. Dito isso, observa-se a multiplicidade de abordagens e características que o termo “informação” pode vir a ter. Buckland nos apresenta três:

- Informação-como-processo: consiste em informar alguém e a partir disso, aquilo que se conhece é então modificado. Neste caso, compreende-se informação como o “ato de informar”. (BUCKLAND, 1991, p. 1)
- Informação-como-conhecimento: essa concepção pode ser compreendida como aquilo que se percebe a partir da “informação-como-processo”. Refere-se a algo que agrega sentido ao ser informado, possibilitando a construção de um conhecimento específico. (BUCKLAND, 1991, p. 1)
- Informação-como-coisa: é possível atribuir o termo “informação” a objetos, uma vez que esses sejam dotados de qualidade informativa, podendo “comunicar” algo e construir sentido e até mesmo conhecimento. (BUCKLAND, 1991, p. 2)

Observa-se inúmeros casos de leituras do corpo negro e identifica-se então, que a partir do corpo enquanto suporte informacional, analisa-se a ideia do corpo negro através das leituras que lhe são atribuídas e das leituras as quais de fato lhe pertencem. A partir desta compreensão sobre o corpo enquanto suporte de informação, identificamos outros vieses em relação à representação do corpo negro. Um viés diferente daquele apresentado pela sociedade ocidental. Em um vídeo, o antropólogo Muniz Sodré, elucida a questão do pensamento através do corpo:

A expressividade do corpo negro a partir de África, nos ensina que o corpo é o fundamental. A corporeidade é a reterritorialidade de África no Brasil. A lógica do corpo dá condições para um sistema de pensamento que não acontece somente através da cabeça. O corpo é indispensável. Temos aqui, o corpo em primeiro plano. O pensamento atravessa o corpo. (SODRÉ, 2017).

O corpo é a mais grandiosa forma de expressão do homem. Rodrigues (1975 *apud* MORAES, 2011, p. 148) enfatiza que “o corpo é um complexo de símbolos, um sistema

simbólico que porta sua mensagem, mesmo que seus receptores e emissores não estejam ou não sejam conscientes dela”.

Moraes (2011, p. 147) exemplifica que, o corpo no Candomblé, é uma totalidade que permite experiências místicas e que, através de movimentos, gestos e adornos, formula impressões, concebe e representa o sagrado, projeta valores, sentidos e significados, revela sentimentos, sensações e emoções. É um meio de comunicação capaz de expressar memórias, transmitir tradições, saberes e experiências.

O corpo negro como suporte para os signos representados dentro da sociedade brasileira, ao mesmo tempo que se contrapõe com os estereótipos criados a partir da leitura de corpo por meio do colonizador, traz consigo todo um contexto histórico diaspórico ao qual negros estão inseridos.

A construção da identidade do negro em um sistema de racismo estrutural, nos remete às dificuldades encontradas pelos negros em nos identificarmos como tal. Apesar da pele negra, em geral, há um distanciamento do que isso implica para além das questões e dos problemas raciais e sociais aos quais estamos imersos.

Neusa Santos (1983, p. 17) em Tornar-se negro, explicita que uma das formas de exercermos a autonomia individual é afirmando a nossa identidade através de um discurso sobre si mesmo e que para isto é necessário um conhecimento da realidade concreta. Por isso a importância do corpo enquanto firmamento da identidade negra.

O conhecimento da nossa realidade, das nossas vivências, os motivos pelos quais nossas vibrações acontecem pelo corpo em primeiro plano, os signos que nos representam, possibilitam autoconhecimento. Conhecendo a nós mesmos, conhecemos as nossas histórias e temos a possibilidade de sermos nossos próprios corpos no mundo. Quando nos reconhecemos em corpos pretos, não há mais a necessidade de enquadramento, imposição e inserção dentro de corpos brancos.

De acordo com a concepção historiográfica, o corpo do negro é socialmente concebido pois torna-se evidente a permanência de valores culturais. A vivência, psíquica e física, podem continuar independente das modificações estruturais e conjunturais. Experiências e signos podem permanecer mesmo com as variações ideológicas e culturais.

O corpo, já dizia Foucault, é a última fronteira, para além do discurso. É possível erradicar um corpo de seu espaço natural, contudo não se retira as marcas de sua vivência espiritual e religiosa. Não há vias para silenciar o corpo, pois ele é condição da vida. Torná-lo submisso ao capital, ao material, ou seja, reificá-lo, é uma das maiores e em muitos momentos não admitidas

perversões. Portanto, é um percurso árduo atribuir-lhe novamente o mistério e trabalhar suas ressignificações. (CARNEIRO, 2009, p. 2).

Quando falamos do corpo enquanto suporte informacional, estamos nos referenciando em todas as nuances aos quais esse corpo é capaz de apresentar. Falamos da inteligência corporal que não deve ser colocada nenhum degrau abaixo da inteligência intelectual.

A ação de sobrevalorizar o trabalho intelectual em detrimento do trabalho a partir do corpo, nos mantém presos à filosofia ocidental, que é relacionada ao pensamento cartesiano atribuindo aos corpos sentidos inferiores, menores, de pouca extensão, limitados, insuficientes e que devem ser controlados pela mente/razão.

No Brasil, onde a cidadania é geralmente, mutilada, o caso dos negros é emblemático. Os interesses cristalizados, produziram convicções escravocratas arraigadas, mantém os estereótipos, que não ficam no limite do simbólico, incidindo sobre os demais aspectos das relações sociais. De acordo com Santos (2002, p. 160) na esfera pública, o corpo acaba por ter um peso maior do que o espírito na formação da sociedade e da sociabilidade.

Nada na mente se realiza a não ser pelo corpo. É através do corpo que passam inúmeras informações a respeito da nossa existência, sensações e sentidos. Um corpo controlado é o suficiente para prender-se no mundo a partir de ideias pensadas a partir do corpo de outros.

Reis (2010, p. 23) nos fala que a corporeidade requer pensar o mundo a partir do próprio corpo, de acordo com as suas subjetividades. Falar de corporeidade é falar de um corpo percebido em sua totalidade, ideia diferente daquela propagada entre os séculos XVII e XIX, quando o corpo era visto como algo separado da mente. Falar de corporeidade é falar da existência simultânea entre corpo e mente; de um corpo que se movimenta, que expressa vivências cotidianas, sentimentos, culturas.

O corpo é o meio pelo qual existimos, vivemos e materializamos nossa presença no mundo, e a corporeidade se constitui na relação do ser com o mundo, na expressão da sua cultura, um espaço de construção da identidade do sujeito. De acordo com Silva (2014, p. 271), nossa corporeidade, ao expressar a linguagem do nosso corpo, traz consigo as conceituações e a normalização estabelecida pela cultura.

Percebemos na estrutura da sociedade um silenciamento da subjetividade para nos enquadrarmos na objetividade, sem nos darmos conta na leitura que pode ser compreendida através dos corpos.

2.1 O CORPO ENQUANTO OBJETO DE INFORMAÇÃO

O conceito de corpo, para autores como Silva (2014, p. 264), vem a ser a dimensão biológica que materializa a nossa presença no mundo. É o lugar concreto onde manifestamos nossas vontades, desejos, tudo o que foi aprendido e observado ao longo de nossa história pessoal e por esta razão, o corpo, também é fruto de construção social, repleto de representações culturais e simbólicas de uma sociedade.

Deste modo, ainda na concepção de Silva:

Corpo é o canal por onde nos diferenciamos dos outros, é por onde somos vistos, observados e julgados, é o caminho pelo qual as sensações e percepções que temos de nós mesmos, de todas as pessoas e das coisas que nos cercam se internalizam e assim se tornam participantes da estruturação de um conceito que pré-estabelecemos sobre a diferença. (SILVA, 2014, p. 264).

O corpo é o canal que liga o interior ao exterior, permitindo o fluxo das informações e das comunicações, por onde materializamos nossa existência e nossos saberes. Segundo Hall (2013, p. 6) podemos enxergar o corpo como um texto pronto para ser lido e interpretado.

Fanon (2008, p. 104) explica que o corpo negro “tem uma leitura pronta, que é aquela do observador branco: "Pois o negro não tem mais de ser negro, mas sê-lo diante do branco."”. Dito de outra forma, o negro se apresenta para o branco tal como a projeção feita pelos próprios brancos. Na obra, *A Prece de Franz Fanon* (COSTA, 2016, p. 506):

Diferentemente da noção dominante no pensamento ocidental que supõe a separação entre corpo e alma [...] o corpo permite uma perspectiva situada no mundo. O corpo é visto pelo outro, vê o outro e permite-nos imaginar como o outro nos vê.

Andrade (2015, p. 233) pontua que a discussão inaugural sobre a relação entre o corpo e a informação – no campo da Ciência da Informação – foi fundada em 2008, a partir do viés semiótico e tendo a teoria corpomídia [...] a mídia à qual o corpomídia se refere diz respeito ao processo evolutivo de selecionar informações que vão constituindo o corpo - como ponto de partida. Neste ensejo, a informação foi tomada em sua dinâmica propriedade significativa e apreendida como pertencente a um processo inestancável de significação, tendo o movimento ininterrupto como característica e o corpo como seu mediador primeiro.

Ainda segundo Andrade (2015, p. 233), o corpo é percebido como parte constituinte das práticas informacionais, sendo ele também, dinamicamente constituído, a partir das trocas de informação que estabelece com o meio no qual está inserido. Corpo enquanto dispositivo

de informação. Dispositivo, pois o corpo representa movimento informacional estando sempre em constante fluxo.

O corpo negro apesar de sua movimentação histórica, traz consigo elementos do próprio ser. Tal leitura apresentada através do corpo/documento denota informações que se chocam entre a leitura do colonizador e a leitura dos povos africanos. O corpo para povos africanos tem significados para além dos conceitos ocidentais estabelecidos.

Entende-se corpo como veículo de conexão entre o mundo visível e invisível, corpos portadores de memória, de história e ancestralidade, contendo signos a serem entendidos, expressos como corpo vivo.

Corpos negros durante o período da diáspora africana ressignificaram suas tradições, porém possuem em seus corpos, memórias, mesmo com a forte incidência do racismo e de apropriações culturais. O corpo preto carrega elementos que mantém sua identidade cultural, traz consigo significados e corporeidade que são utilizados como ferramenta e linguagem, tornando-se receptor simbólico e expressivo que transcende mesmo diante das constantes tentativas de deslocamento e embranquecimento.

Diferentemente da tradição ocidental, que costuma separar corpo e a mente, as culturas enraizadas em tradições orais, geralmente, concebem o corpo em relação integral com o universo. Seus corpos não são individualizados nem repartidos. São parte do todo. Logo, a existência se dá através desse corpo.

Ladislau e Pires (2007, p. 1) corroboram nosso entendimento a cerca deste assunto quando explicam que:

O corpo é um território tanto biológico quanto simbólico, processador de virtualidades infindáveis, campo de forças que não cessa de inquietar e confortar, o corpo talvez seja o mais belo traço da memória da vida. Verdadeiro arquivo vivo, inesgotável fonte de desassossego e de prazeres, o corpo de um indivíduo pode revelar diversos traços de subjetividade e de sua fisiologia, mas ao mesmo tempo, escondê-los. Na verdade, o corpo é sempre “biocultural” tanto no seu nível genético, quanto em sua expressão oral e gestual.

O corpo preto ainda mantém sua importância central como produtor de sentido e conhecimento, uma vez produtor de sentido e conhecimento, esse corpo passa a ser nosso próprio documento em relação ao mundo.

Com base em Dodebei (2001, p. 59), o senso comum nos indica que documento é algo material com um valor que prova a existência de alguém, de um acontecimento social. Aceitamos que não só os textos criados com finalidade de prova, mas os monumentos naturais, o espaço terrestre, o universo, podem também ser considerados documentos.

2.2 O CORPO ENQUANTO DOCUMENTO

Otlet (1937 *apud* TANUS; RENAÚ; ARAÚJO, 2012, p. 159) nos diz que documento é o livro, a revista, o jornal, é a peça de arquivo, a estampa, a fotografia, a medalha, a música, é também atualmente o filme, o disco e toda a parte documental que prece ou sucede a emissão radiofônica. Acredita-se que o conceito de documento não é restrito à Documentação.

Para abordar a noção de documento, é preciso compreender o que vem *a priori*. A concepção de um processo comunicacional, por meio da oralidade, permite a externalização do pensamento simbólico.

Autores como Vygotsky, vão salientar que, com base na característica de interação social dos seres humanos, a linguagem é primordial no processo cognitivo. Com isso, observa-se que:

A linguagem permitiu aos nossos ancestrais compartilhar ideias e experiências e resolver vários problemas simultaneamente. O significado adaptativo da linguagem humana é óbvio. É vantajoso se comunicar através da fala, por exemplo. Cooperação nas caçadas, coordenação de atividades, compartilhamento de tarefas, manutenção de vínculos sociais [...] (NOWAK; KOMAROVA, 2001, p. 288 *apud* MARCONDES, 2010, p. 7).

Com o passar do tempo, a prática da oralidade dá espaço ao surgimento de ferramentas e mecanismos que vão possibilitar os registros de dados e informações, bem como contribuir para a produção de conhecimento.

De acordo com Marcondes (2010, p. 8) “Num momento histórico mais recente, há cerca de 5.000 anos, a linguagem falada é externalizada, fixada, materializada através de artefatos na escrita e, dessa, no documento”.

Com o surgimento da escrita, a noção de documento, inicialmente, associa-se aos dados e informações registrados em suportes físicos (de acordo com cada momento histórico). Contudo, a noção de documento está sujeita ao avanço tecnológico, bem como a evolução do pensamento humano. Em um estudo realizado por Ortega e Lara (2010), pode-se observar um histórico evolutivo sobre as divergências relacionadas a noção de documento.

É importante evidenciar que em determinado momento, associa-se a noção de documento a funcionalidades voltadas a armazenagem de dados e informações, devido a constante produção de informação, gerando assim diversas divergências sob o real significado de documento. Segundo Marcondes (2010, p. 10),

Em caráter básico e inicial, os documentos têm por finalidade a externalização do pensamento humano registrado em meio físico, atuando

como instrumento que permite a transferência de dados e informações. Além disso, documentos têm a intenção genérica de informar, ou seja, gerar alteração mental em possíveis receptores.

Ferreira (2014, p. 38) explica que diferentes corpos, portadores de memória, história, experiência, da herança de seus antepassados e que contém signos a serem decifrados e decodificados expressos como a própria tradição viva. Segundo a autora, o “outro” que constitui uma sociedade, o “outro” que é o corpo negro, o negro africano, resultantes de uma tradição oral, em que os mais velhos são possuidores de grande conhecimento e de poderes, são considerados como uma “biblioteca viva”.

Hampaté Bâ (1983, p. 168 *apud* FERREIRA, 2014, p. 38), afirma que “os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. Antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor ou o estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo.”.

A partir disso, conseguimos identificar o corpo negro tal como a noção de documento abordada pelos autores na biblioteconomia aqui trabalhados. A importância do corpo enquanto documento, que externaliza e guarda informações e conhecimento, pode ser compreendida pela própria definição do corpo negro em não ser um corpo único, individual, mas sim um corpo participativo, humanitário.

Merleau-Ponty (1994, p. 30) explicita a relação do corpo com o mundo “ser um corpo é estar ligado a um certo mundo” pois “nosso corpo não está essencialmente no espaço, mas sim pertence a ele”. O corpo negro é representante de todo conhecimento diaspórico no chamado novo mundo.

Ferreira (2014, p. 39) ainda nos diz que os corpos negros, nos processos de diáspora, resignificaram suas tradições levando consigo escritas performáticas e utilizando seu corpo, como ferramenta e linguagem, torna-se receptáculo simbólico e expressivo transcendente neste deslocamento, habitando diferentes geografias.

Como base em um estudo de Ortega e Lara (2010), o documento deve estar preocupado com objetos potencialmente informativos; nem todos os objetos potencialmente informativos são documentos no sentido tradicional de textos sobre papel; e, outros objetos informativos como pessoas, produtos, eventos e objetos de museu não devem ser excluídos.

Com isso, compreendendo informação como elemento subjetivo e flexível, bem como a evolução e abrangência presente na noção de documento, segue-se pela compreensão de que documento não se restringe ao registro por meio da escrita, mas sim como elemento potencialmente informativo, dotado de diversidade material e representativa.

3 REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Pinheiro (2008 *apud* ARAUJO; MOURA, 2012, p. 80) nos fala que as representações sociais são elementos simbólicos que os homens expressam mediante o uso de palavras e de gestos para explicitar o que pensam, demonstrar os seus sentimentos sobre uma determinada situação e formular opiniões acerca de determinado fato ou objeto.

As representações sociais, segundo Mazzotti (1994, p. 60), investigam como se formam e como funcionam os sistemas de referência que utilizamos para classificar pessoas e grupos e para interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana.

O corpo negro é representado socialmente através de seus próprios elementos, porém não de forma proporcional, ainda é representado por elementos incutidos pelos colonizadores e seus descendentes.

A cultura preta, os hábitos, os conhecimentos ancestrais que perpassam desde a corporeidade, até a relação de conhecimento e sabedoria dos mais velhos, os valores, as relações de comunidade, se mantiveram apesar do processo de dominação escravista.

Nesse processo de dominação europeia, houve uma tentativa de romper com a tradição existencial incorporada nos africanos, fazendo com que estes se afastassem de suas origens, e que toda manifestação cultural que foi transmitida de geração em geração fosse perdida. Uma tentativa em vão.

Segundo o Antropólogo Muniz Sodré (2017), o pensamento nagô, um dos povos africanos, valoriza ao invés do sentido e do tempo, o espaço e a força. Não a força física, mas sim sua potência, seu axé, o poder de fazer e de realizar, de reconstruir uma casa, de fazer um filho, recriar comunidades. E o espaço, a espacialidade é própria de uma cultura de diáspora, uma cultura que estava em exílio, uma cultura que precisava se territorializar.

A cultura que vinha com o escravo era desterritorializada, tanto que o maior mal-estar ou doença do negro no Brasil era o Banzo, morrer de saudade da terra de onde foram arrancados. Essas pessoas precisavam se territorializar. Não havia possibilidades de tomar o território por guerras ou meio de armas.

Assim os primeiros terreiros de candomblé fazem essa ação. Não são apenas instituições religiosas, são formas de continuidade, de persistência, de um modo de vida e de um modo de pensar que é milenar na África, anterior ao Cristianismo.

Os cultos africanos precedem mil anos antes de Cristo. É esse tipo de culto que se transplanta para cá. Mas se transplanta de forma diferente da África. O terreiro faz uma

espécie de metáfora espacial, é como reterritorializasse a África aqui. E o corpo enquanto representação social é fundamental.

A corporeidade dá condições para um sistema de pensamento e representação do espaço do negro, retomando seus valores, suas culturas, suas formas de ser no mundo. A valorização do corpo presente. Os valores da cultura negra são tipos de culturas que não são baseadas na acumulação de bens, mas sim na acumulação de gente.

A representação social do corpo negro - para os negros - se dá por meio de sua corporeidade. Mesmo longe de suas terras, os africanos carregaram em seus corpos a memória de suas danças e seus rituais performáticos no objetivo de manter sua identidade cultural. Essas representações são construídas a partir dos elementos culturais, sociais e históricos que permeiam o espaço social desses sujeitos.

Embora muitos filósofos e pensadores europeus não priorizem outras formas de pensamento que não sejam através do intelecto cerebral, entendemos até aqui que o conhecimento ancestral permanece como representação dos seus saberes.

Para este trabalho, o conceito que melhor define a representação social nos parâmetros do corpo é o abordado por Moscovici:

[...] sistema de valores, de noções e de práticas tendo uma dupla tendência: antes de tudo, instaurar uma ordem que permite aos indivíduos a possibilidade de se orientar no meio-ambiente social, material e de o dominar. Em seguida, de assegurar a comunicação entre os membros de uma comunidade propondo-lhes um código para as suas trocas e um código para nomear e classificar de maneira unívoca as partes do seu mundo, de sua história individual ou coletiva. (MOSCOVICI *apud* NOBREGA, 2001, p. 63 *apud* MESQUITA, 2011, p. 17).

Quando falamos da Representação social que ocorre entre os negros e seus corpos, temos duas nuances bastante contraditórias. A representação posta pelos que exercem poder político, social e econômico dentro das sociedades, coloca o corpo negro constantemente em lugar de inferioridade. Corpos negros são representados por estes - com forte colaboração e incisão das mídias - com os adjetivos mais ínfimos. Ladrões, sexuais, inteligíveis, incapacitados, domesticados, animais.

Embora saibamos até aqui que muitos dos escravizados em algumas regiões de África eram reis e rainhas em seus países, assim como aqueles que vieram forçados para cá, tinham suas inúmeras capacidades e valores, a formação de conceitos concebidos por quem nos coloniza - verbo utilizado no indicativo do presente diante situação atual em que insistem em nos colocar - tem por objetivo a manutenção dos lugares que foram concebidos na sociedade.

Aos brancos cabem privilégios que perpassam desde as condições do que se entende por belo, íntegro, e aceitabilidade perante o mundo, aos negros, cabe o outro lado. A formação da representação inicia-se no nível de cognição, no qual é projetado o signo (imagens ou símbolos) que dá uma significação ao objeto em análise, por parte de um indivíduo ou por um grupo.

De acordo com Mesquita (2011. p. 17) no nível da formação da representação social acontece a objetivação, que é a materialização do significado dado ao objeto, e a ancoragem, que é a própria formação das representações sociais, pois por meio da objetivação, os indivíduos se integram e assim formam as representações sociais.

Observa-se como as informações criadas e perpetuadas sobre o ponto de vista de quem coloniza, tem o poder de permanecer e construir irreais fatos sobre a nossa história. A partir disso, em uma entrevista ao Geledés (2010), a escritora nigeriana Chimamanda Adichie aponta para os perigos da história única.

Adichie explica que na história única, as capacidades são questionadas, os africanos não teriam capacidades de serem o que a branquidade acredita como potencial de civilização. Africanos seriam incapazes de falar por eles mesmos, e esperam, pelo olhar da branquidade, e esperam serem salvos por um estrangeiro branco e gentil.

A única história da África vem da literatura ocidental. Então, aqui temos uma citação de um mercador londrino chamado John Locke, que navegou até o oeste da África em 1561 e manteve um fascinante relato de sua viagem. Após referir-se aos negros africanos como “bestas que não tem casas” ... o que é importante sobre sua escrita é que ela representa o início de uma tradição de contar histórias africanas no Ocidente. Uma tradição da África subsaariana como um lugar negativo, de diferenças, de escuridão, de pessoas que, nas palavras do maravilhoso poeta, Rudyard Kipling, são “metade demônio, metade criança”. (ADICHIE 2010 *apud* GELEDÉS, 2010).

Ainda sobre o pensamento de Adichie, é impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo *Igbo*,² que pode nos ajudar sobre essa questão da estrutura de poder do mundo. A palavra “*nkali*” é um substantivo que livremente se traduz: “ser maior do que o outro”. Como nossos mundos econômico e político, histórias também são definidas pelo princípio do “*nkali*”. Como é contada, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa.

² Os **igbos** (pronúncia ibos) são um dos maiores grupos étnicos africanos. Habitam do leste, sul e do sudeste da Nigéria, além de Camarões e da Guiné Equatorial.

Quando começamos a história com o fracasso do estado africano e não com a criação colonial do estado africano, teremos uma história totalmente diferente, conclui a escritora. Compreendemos aqui, os perigos da história única serem as únicas representações sociais contadas.

3.1 INDEXAÇÃO SOCIAL

De acordo com autores como Guedes, Moura e Dias (2011, p. 40) a linguagem é o ponto de partida para o estabelecimento da interação verbal entre interlocutores, não apenas em uma situação formalizada pela escrita ou pelo cenário midiático, mas em todos os momentos em que se quer estabelecer uma ação comunicativa entre interlocutores a linguagem é a ponte que une pessoas e que permite a geração de conhecimento.

O autor Mikhail Bakhtin (1986 *apud* GUEDES; MOURA; DIAS, 2011, p. 41) estuda a linguagem e esclarece que o estudo da mesma não está filiado a nenhuma tendência linguística, o autor ancora-se em uma visão sociológica da realidade para estudar a linguagem, que se apresenta como uma atividade humana e não como um sistema estático de símbolos, tal como é vista pela linguística clássica.

Já vimos que a linguagem do corpo nos permite comunicação. E vimos também como o corpo negro se comunica através da sua existência, memória, signos, representações. Mas como o corpo negro é indexado?

Primeiro vamos ao conceito de Indexação, que “compreende-se indexação como um processo de descrição e caracterização do documento com auxílio dos conceitos contidos no mesmo” (CHAUMIER, 1988, p. 63). Dito de outra forma, a indexação consiste em um processo de transcrição dos conceitos, na forma de uma linguagem documentária, a partir de uma análise. Indexar é representar uma determinada informação.

Bakhtin convida-nos a pensar na linguagem como uma construção pactuada entre sujeitos interactantes, um sistema baseado na interconsciência humana e, portanto, carregado de ideologia, que reflete e refrata a realidade dos indivíduos. (GUEDES; MOURA; DIAS, 2011, p. 44)

A partir da relação entre os conceitos de linguagem e indexação, podemos observar que o corpo negro apesar de expressar corporeidade e elementos próprios, carregando símbolos que remetem à sua história, encontra uma indexação que torna-se uma problemática quando nos coloca em situações de vulnerabilidade frente a uma sociedade racista.

Essa indexação proveniente do construto branco, é reafirmada e compartilhada pelas mídias sociais, uma vez que esta, representa uma das formas incisivas de comunicação. Iremos abordar mais à frente.

Entende-se construto como a construção mental e síntese feita a partir da combinação de elementos específicos: relação de poder e a pseudo supremacia branca. Esta relação de indexar corpos negros fora de suas características humanas pode ser explicada a partir da análise do conceito de alteridade.

Se a sociedade ocidental é pautada em relações de poder, seus desdobramentos políticos, sociais e raciais seguirão a mesma lógica. Desde modo, a forma como os que se colocam como detentores da lógica e da organização da sociedade, colocará o corpo negro tal como vimos no decorrer da história no período da escravidão.

Com base em um estudo realizado por Guedes, Moura e Dias (2011, p. 53), observa-se que o maior problema da indexação que é feita em relação aos corpos negros, tem resposta no “Reconhecimento do outro.”. Com isso, ter consciência do “outro” é um princípio fundamental para os processos de representação da informação. Reforça a importância de uma visão indissociada do contexto e dos “outros” que a ele pertence, na construção e/ou uso de linguagens para fins de representação documental.

Quando representamos uma informação, através da indexação, porém seu processo acontece em sistemas e são representados pelos próprios usuários, chamamos essa representação de Indexação social, tratando-se de uma modalidade de indexação caracterizada pelo uso de linguagem natural, orientada pela necessidade dos sujeitos que a manipulam e pela natureza do contexto em que se manifesta.

Ao analisarmos e recuperarmos informações acerca dos corpos pretos, evidenciaremos diferentes respostas. De acordo com Guedes e Dias (2010, p. 49):

A indexação social é considerada uma linguagem livre – por não haver nenhum tipo de controle, o usuário atribui etiquetas ao item sem se preocupar com regras e normas, mas tendo em mente a futura recuperação daquele item por ele ou outro usuário.

Com isso, reflete-se que a recuperação da informação feita por quem procura uma informação, ou feita por quem disponibiliza uma informação para ser indexada, aponta comportamentos da sociedade em relação ao corpo negro.

3.2 REPRESENTAÇÃO DAS IMAGENS

Smit (1996, p. 28) traz reflexões acerca das representações das imagens. A autora traz a proposição em que uma metodologia de análise de uma fotografia supõe um entendimento da essência desta, daquilo que a caracteriza, das razões pelas quais é produzida e, sobretudo, das condições em que será utilizada. Em outras palavras, torna-se necessário compreender a imagem fotográfica, enquanto informação a ser tratada e recuperada. Smit aponta a necessidade de se justapor para efeitos de análise documentária, o conteúdo informacional da imagem à sua forma.

A autora evidencia os 3 níveis de análise de imagens apresentados por Erwin Panofsky (1979, p. 47–87 *apud* SMIT, 1996, p. 30), uma vez que, este estuda a análise da imagem fotográfica com a finalidade de nortear a discussão sobre a questão da interpretação das imagens. Estes níveis são:

Nível pré-iconográfico: nele são descritos, genericamente, os objetos e ações representados pela imagem; Nível iconográfico: estabelece o assunto secundário ou convencional ilustrado pela imagem. Trata-se, em suma, da determinação do significado mítico, abstrato ou simbólico da imagem; Nível iconológico: propõe uma interpretação do significado intrínseco do conteúdo da imagem. A análise iconológica constrói-se a partir das anteriores, mas recebe fortes influências do conhecimento do analista sobre o ambiente cultural, artístico e social no qual a imagem foi gerada. (PANOFSKY 1979, p. 47–87 *apud* SMIT, 1996, p. 30)

A partir dos 3 níveis de análise, Smit discute a proposta teórica de representação da imagem por Shatford que diz: “A imagem é, simultaneamente, específica e genérica.” (SHATFORD, 1986, p. 47 *apud* SMIT, 1996, p. 31), o reconhecimento do referente específico supõe conhecimentos, não é automático. Para conhecermos o que uma imagem representa, é necessário ter conhecimento prévio dela (imagem específica). Sem esse conhecimento, haverá uma deturpação do que se entende por aquela imagem.

Neste sentido, Shatford (1986. p. 43 *apud* SMIT, 1996, p. 31) explica que o usuário só pode formular suas necessidades informacionais em termos do que ele já conhece. Existe uma diferenciação para pensar a representação da imagem, segundo a qual o significado dos fatos corresponde à pergunta: A imagem é de que? E o significado expressivo pergunta: A imagem é sobre o que?

3.3 MÍDIAS SOCIAIS

Mainieri (2010, p. 54) elucida que como o surgimento das mídias sociais, modifica-se a forma tradicional de conceber emissor e receptor, cada um desses sujeitos com papéis bem definidos. Esse modo informacional é marcado pelo fato de que os conteúdos são criados e postados pelos próprios usuários das mídias sociais e isso modifica profundamente as formas de comunicação entre os sujeitos e a forma de interação entre eles.

Dito em outras palavras, as mídias sociais são ao mesmo tempo emissores e receptores de conteúdo e informação, transformando-se profundamente as formas de interação social. Elas atingem diferentes esferas e possibilitam a descentralização das informações, permitindo seu acesso e busca.

Dentro desta perspectiva, podemos observar que a maior mudança proporcionada pelas mídias sociais é permitir que, simultaneamente, o indivíduo possa ser consumidor, produtor e transmissor de informações. Sendo assim, a maior diferença entre as mídias tradicionais e as mídias sociais não está apenas no âmbito de como as informações são consumidas, mas também nas formas de produção e distribuição dos conteúdos. De acordo com Lemos (2010 *apud* MAINIERI, 2012, p. 58), qualquer indivíduo com acesso ao ciberespaço pode emitir conteúdo.

Essa mudança possibilita um maior alcance em relação à informação que se procura e se compartilha, da mesma forma que possibilita uma repetição de valores pré-estabelecidos e compartilhados entre a sociedade, muitas vezes sem a veracidade esperada. Para Lemos (2010, p. 25 *apud* MAINIERI, 2012, p. 58)

Isso retira das mídias de massa o monopólio na formação da opinião pública e da circulação de informação. Surgem novas mediações e novos agentes, criando tensões políticas que atingem o centro da polis em sua dimensão nacional e global.

Ainda que as mídias tradicionais já estabelecessem relações de domínio da informação e continuem a exercer esse papel, as mídias sociais agem de forma significativa como um contraponto, possibilitando que sejam divulgados e compartilhados novas informações e perspectivas acerca do que é direcionado.

Dessa forma, podemos intuir que o surgimento das mídias sociais acarreta mudanças nas formas de pensar e de comunicar, conseqüentemente trazendo mudanças na forma de interação social. Com o surgimento das mídias sociais, as vozes que antes eram excluídas do cenário de compartilhamento de informações, agora são reconhecidas.

Os corpos pretos que antes eram somente objetos de estudos, meros números e estatísticas, conquistam espaços e narram suas histórias possibilitando o conhecimento do

outro lado da história aos seus iguais, tanto como aos seus diferentes. Pesquisadores e estudiosos, compartilham seus conhecimentos de forma rápida, alcançando um número maior de pessoas.

Embora a presença das mídias sociais tenha possibilitado tal situação, as mesmas mídias também são responsáveis pela reprodução de ideais de genocídios e reafirmação de conceitos e estereótipos acerca do corpo negro.

Além das mídias tradicionais, as mídias sociais continuam a indexar e nós seguimos encontrando inúmeras representações torpes a respeito do negro da sociedade brasileira. Toda a problemática relacionada aos “arquétipos” direcionados a esses corpos - construídos pela sociedade – são reproduzidos facilmente, porém, neste momento, encontram barreiras consolidadas de movimentos sociais e grupos específicos, retrucando de forma incisiva e pontual essas classificações, além de promover o acesso às informações reais sobre os corpos pretos e seus desdobramentos.

De acordo com Shintaku *et al.* (2014, p. 126) o termo mídias sociais descreve ferramentas e utilitários que apoiam a comunicação informal, participação e colaboração, na modalidade on-line, assistida por tecnologia da informação. Ou seja, abranger várias ferramentas disponíveis na *web*, desde que possibilitem ações voltadas à interação entre usuários.

Contudo, se ainda identificamos as indexações e representações sociais que colocam o corpo negro na forma inferiorizada – reflexo de uma sociedade e manutenção dos lugares estipulados a estes corpos – é também através das mídias sociais, que as ações voltadas para as denúncias de racismo, abusos de poder e discriminações são acusadas.

A indexação que é feita sobre o corpo negro pode ser explicada pelas relações de saber e poder, ideia que amplia generosamente o entendimento de atuação do conceito. As mídias provocam e contribuem significativamente para novas camadas de mediação entre os sujeitos e, conseqüentemente, multiplicam suas classificações e suas subjetivações.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema apresentado - a indexação social dos corpos pretos - com vista a torná-lo mais explícito e a constituir hipóteses.

Desta forma, a proposta metodológica deste trabalho tem como natureza de pesquisa, a pesquisa exploratória, em que procuraremos obter, tanto quanto possível, o entendimento dos fatores que exercem influência na situação que constitui nosso objeto de pesquisa. Segundo Gil (2008, p. 43), esta pesquisa tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias e a descoberta de intuições.

Além da natureza exploratória, a pesquisa também é de cunho qualitativo. De acordo com Gil (2008, p. 133) a análise qualitativa depende de fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Torna-se possível, nessa pesquisa exploratória, descrever com precisão fenômenos tais como atitudes, valores e representações e ideologias contidas nos textos analisados.

A abordagem metodológica deste trabalho consiste na análise do discurso. De acordo com Caregnato e Mutti (2006), o processo de análise discursiva objetiva analisar os sentidos que se estabelecem de diferentes formas de produção, podendo ser de maneira verbal ou não verbal, bastando que sua materialidade estruture e produza sentidos para interpretação, “podem ser entrecruzadas com séries textuais (orais ou escritas) ou imagens (fotografias) ou linguagem corporal (dança).” (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 680).

4.1 CAMPO DA PESQUISA

O campo de pesquisa deste trabalho é constituído por imagens e discursos no contexto das mídias sociais, tendo como objeto empírico a análise do discurso revelado à maneira como as pessoas representam as imagens.

Visando refletir a dimensão social para a Biblioteconomia, assim como discutir com o contexto informacional e social atual, o recorte empírico é feito por meio de duas mídias sociais: *Instagram* e *Twitter*.

Como já vimos anteriormente, mídias sociais são espaços de interação entre usuários, podendo ser exemplificadas pelos sites que permitem, de acordo com Telles (2010, p. 19), “criação colaborativa de conteúdo, a interação social e o compartilhamento de informações

em diversos formatos”. Por meio das mídias sociais citadas, foram analisadas 12 imagens igualmente divididas, a fim de compreendermos o processo de intencionalidade das partes.

Utilizaremos a indexação social e a representação das imagens para o resultado desta pesquisa. A indexação social é responsável por revelar discursos de si. Quando identificamos os discursos das partes - através das *tags* e/ou palavras-chave encontradas durante a busca das imagens. Desta forma, encontramos a possibilidade de revelarmos o discurso do todo.

Segundo Sussai (2014, p. 11), a *hashtag* é um importante item para a categorização de dados gerados online. A atribuição pelo usuário acontece ao adicionar uma palavra-chave ao símbolo cerquilha (#), transformando-a em um *hiperlink* dentro da rede, indexável pelo mecanismo de busca.

As seis imagens selecionadas na plataforma *Instagram*, assim como as 6 imagens selecionadas na plataforma *Twitter*, compõem o processo de análise do discurso ao qual se propõe a nossa abordagem metodológica.

A mídia social *Instagram* é uma rede online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, podendo ser enviadas mídias em qualquer proporção.

Criada por Kevin Systrom e Mike Krieger em outubro de 2010, o serviço rapidamente ganhou popularidade, com mais de 100 milhões de usuários ativos em abril de 2012.

O *Instagram* como aplicativo e rede social tem como funcionalidade o compartilhamento de fotos, onde após tirada uma fotografia ou após escolher um arquivo, o usuário pode dar uma legenda à mesma. Nesta legenda é possível descrever a imagem e/ou utilizar *hashtags* para caracterizá-la.

No *Instagram* é possível buscar conteúdo através de *hashtags* específicas, recuperando publicações que condizem com o tema procurado. Essa é a forma pela qual os conteúdos podem ser recuperados.

Com base na *Wikipédia* (2017), o *Instagram* é bastante popular entre os usuários que possuem acesso à internet. Desde 2015, a presença de brasileiros na plataforma é maior que a média global - naquele ano, 55% dos usuários de internet estavam presentes na rede social de fotografias, mais do que a média global de 32%. Em 2016, esse número subiu para 75%, mais do que os 42% da média global do mesmo ano.

A mídia social *Twitter* é uma rede que permite aos usuários que enviem atualizações pessoais e mensagens com textos com até 280 caracteres. Distingue-se por ser uma ferramenta de caráter híbrido entre *blog* e rede social devido a simplificação e forma de utilização a partir de dispositivos móveis.

As atualizações são exibidas no perfil de um usuário em tempo real e também enviadas a outros usuários seguidores que tenham assinado para recebê-las.

Ainda segundo informações da *Wikipédia* (2017), o *Twitter* é uma plataforma e um servidor para *microblogging*, que permite o compartilhamento de textos vídeos e imagens entre os participantes. Foi criado nos Estados Unidos, tem como proprietários Jack Dorsey, Evan Williams, Biz Stone e Noah Glass.

O *Twitter* teve seu lançamento em 15 de julho de 2006. O *Twitter* possui ferramentas como *Retweet* - que consiste em replicar uma determinada mensagem de um usuário para a lista de seguidores, dando crédito a seu autor original e o *Trending Topics* ou Assuntos do Momento que são listas em tempo real das frases mais publicadas no *Twitter* pelo mundo todo. Por meio destes recursos são utilizadas as *hashtags*, (#).

Pretende-se, a compreensão e estudo dos novos meios de organização e representação da informação na *web*, pautando-se pela análise do processo no âmbito das redes sociais. Optou-se por essas plataformas, pelas características colaborativas e dinâmicas dessas mídias, além desses sistemas permitirem e utilizarem a indexação social.

A partir da pesquisa exploratória por meio da análise de fotografias e discursos associados a elas, procuramos entender os fatores que exercem influência na situação que constitui nosso objeto de pesquisa (a leitura do corpo preto), visando aprimorar ideias e descobrir respostas.

4.2 TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Como técnica de coleta e análise de dados utiliza-se a observação não-participante. Em relação aos procedimentos técnicos da observação não-participante, Marconi e Lakatos (2003, p.193) explicam que o observador não interage, de forma alguma, com o objeto de estudo no momento em que realiza a observação e não poderá ser considerado como participante.

Ainda segundo as autoras (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 193), trata-se de uma situação de pesquisa onde observador e observado encontram-se face a face, e onde o processo de coleta de dados se dá no próprio ambiente natural de vida dos observados que

passam a ser vistos não mais como objetos de pesquisa, mas como sujeitos que interagem em dado projeto de estudos.

Objetivando evidenciar as questões raciais, foram estruturados alguns critérios para seleção destas imagens, além de ações de mapeamento descritas abaixo:

- A imagem do corpo negro – Optou-se por imagens que retratem o corpo da pessoa negra.
- Representatividade da Imagem – Optou se pela seleção de fotografias cujos discursos possibilitem a observação de questões raciais.
- Acesso Público – Optou-se pela seleção de fotografias identificadas e disponibilizadas por perfis públicos.

Em seguida, selecionamos as ações de mapeamento que serão trabalhadas com o propósito de identificar os usuários, as imagens e as palavras-chave. Foram estabelecidas as seguintes ações de mapeamento:

- Seleção de termos de busca – Termos pré-estabelecidos para realização da busca das fotografias. As palavras-chave selecionadas serão: racismo, jovens negros, crimes de internet.
- Análise do discurso – Análise dos discursos presentes nas legendas, assim como o discurso dos conteúdos e o conjunto das *tags* atreladas às respectivas fotografias.
- Recorte temporal – período em que o fenômeno estudado é circunscrito. O Recorte temporal desta pesquisa foi feito entre os anos 2000 a 2018 em território nacional.

Com base nos critérios de seleção, nas ações de mapeamento e proposta metodológica, apresenta-se a análise e sistematização dos dados com a finalidade de identificar e armazenar as imagens e as *tags* selecionadas.

5 SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS: IMAGENS E DISCURSOS

A partir da seleção das imagens nas plataformas (*Instagram* e *Twitter*, respectivamente), estruturou-se um quadro contendo as imagens, suas identificações, o discurso do usuário, o que a imagem expressa e a análise dos discursos.

QUADRO 1 – IMAGENS E ANÁLISE DOS DISCURSOS

INSTAGRAM - IMAGEM DO PERFIL 1		
O QUE A IMAGEM EXPRESSA?	DISCURSO DO USUÁRIO	DISCURSO DO COMENTÁRIO
Criança negra observando a natureza.	“Capeta feio, devolve ela pra África.”	A imagem de uma criança negra africana a princípio observando a natureza é associada à feiura e a um não lugar de pertencimento do corpo negro no mundo. Utiliza-se de padrões brancos de beleza pré-estabelecidos como aceitáveis, e expõe que o lugar da menina negra não é aqui, devendo os “responsáveis” por ela, devolvê-la. Tal como o período da escravidão onde negros eram comprados, vendidos, devolvidos quando não agradavam seus senhores de engenho.
INSTAGRAM - IMAGEM DO PERFIL 2		



O QUE A IMAGEM EXPRESSA?	DISCURSO DO USUÁRIO	DISCURSO DO COMENTÁRIO
Homem negro, jogador de futebol em campo.	“Fora seu Macaco, você é um lixo, não honra o manto!Tem que morrer vivo, seu bosta.”	A imagem de um homem negro em um campo de futebol conota para o usuário a incapacidade de habilidades físicas por meio da animalização do homem negro. Note que em casos de erros ou falhas de homens brancos nos ambientes futebolísticos, estes homens dificilmente são comparados à animais, situação frequente entre os insultos e leituras feitas aos corpos de homens e mulheres negras. Desejo à morte de um homem negro em uma imagem onde este homem aparece sorrindo.

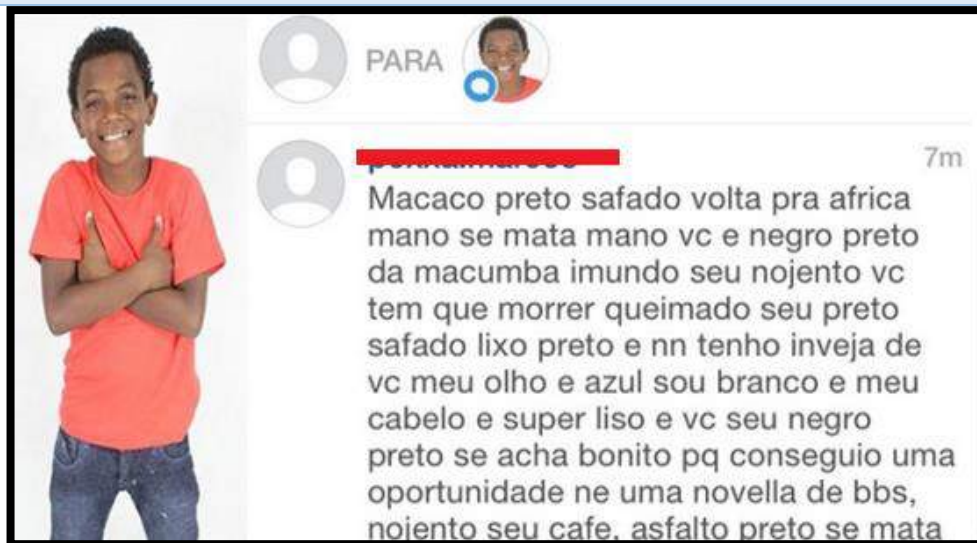
INSTAGRAM - IMAGEM DO PERFIL 3



O QUE A IMAGEM EXPRESSA?	DISCURSO DO USUÁRIO	DISCURSO DO COMENTÁRIO
Grupo de 5 jovens	“Vou roubei seu celular”	Imagem de um grupo de jovens negros

negros em um ambiente festivo.		aparentemente festejando algo enquanto um homem branco faz a leitura e expõe em texto que estes irão roubar seu celular. Uso e interpretação da imagem dos jovens negros como assaltantes, meliantes, ladrões. Conceito externalizado na frase: “Vou <i>roubei</i> seu celular”. Homens negros enxergados como ameaça. De acordo com os dados da Anistia Internacional, em 2012 56.000 pessoas foram assassinadas no Brasil. Destas, 30.000 são jovens entre 15 a 29 anos e, desse total, 77% são negros. A maioria dos homicídios é praticado por armas de fogo. A maioria dos mortos são jovens negros.
--------------------------------	--	---

INSTAGRAM - IMAGEM DO PERFIL 4



O QUE A IMAGEM EXPRESSA?	DISCURSO DO USUÁRIO	DISCURSO DO COMENTÁRIO
Criança negra na televisão brasileira.	“Macaco preto safado volta pra <i>africa</i> mano se mata <i>vc e</i> negro preto da macumba imundo nojento <i>vc</i> tem que morrer queimado seu preto safado lixo preto e <i>nn</i> tenho inveja de <i>vc</i> meu olho <i>e</i> azul sou branco e meu cabelo <i>e</i> super liso e <i>vc</i> seu negro se acha bonito <i>pq</i> conseguiu uma oportunidade ne uma novela de <i>bbs</i> , nojento seu café, asfalto preto se mata”	A imagem do ator Kaik Pereira, de 13 anos sorrindo é relacionada com um animal, lugar de não pertencimento. O Termo “negro preto da macumba” faz referência negativa ao que se entende por conceitos africanos de religiosidade. A imagem da criança negra é associada à sujeira, imundice e comparado a um padrão branco de beleza.

INSTAGRAM - IMAGEM DO PERFIL 5

	<p>O QUE A IMAGEM EXPRESSA?</p> <p>Premiação Miss Brasil 2017.</p>	<p>DISCURSO DO USUÁRIO</p> <p>“Credo! A Miss Piauí tem cara de empregadinha, cara comum, não tem perfil de miss, não era pra tá aí. Sorry.”</p> <p>“Não representa, a mulher gaúcha é branca e linda, não negra.”</p>	<p>DISCURSO DO COMENTÁRIO</p> <p>A imagem da Miss Brasil RS com a coroa e faixa do concurso não é aceita como tal. É relacionada à um serviço doméstico. Lugar compreendido como comum aos corpos negros. Servidão, servo, subordinação.</p> <p>No comentário abaixo, revela-se o discurso da beleza gaúcha branca. A Miss enquanto negra não representa esse nicho populacional branco. Em outro comentário, cita-se que no Brasil há uma suposta obrigatoriedade em enxergar corpos negros com beleza, visto que, segundo este usuário, negros em sua maioria são extremamente feios.</p>
<p>INSTAGRAM - IMAGEM DO PERFIL 6</p>			



O QUE A IMAGEM EXPRESSA?	DISCURSO DO USUÁRIO	DISCURSO DO COMENTÁRIO
Cantora negra em seu domicílio.	<p>“Odeio essa crioula nojenta”</p> <p>“A feiosa se acha putzzz feia pra (palavrão) e...”</p>	A imagem da cantora Ludmilla é lida como nojenta. Apesar da fotografia apresentar uma mulher negra com um ramo de flores na cabeça. É identificado através da escrita a presença de ódio pelo corpo preto.

TWITTER – IMAGEM DO PERFIL 1



O QUE A IMAGEM EXPRESSA?	DISCURSO DO USUÁRIO	DISCURSO DO COMENTÁRIO
Repórter negra no sistema Televisivo	<p>“Escrava desgraçada, volta pra senzala, fugitiva, dois anos de</p>	A imagem da repórter durante seu trabalho em um canal aberto de Televisão Brasileira é

Brasileiro.	xibata quando teu dono te capturar de volta!!! Preta imunda”	identificada com os termos “Putá africana”, “macaca”, “escrava”, “desgraçada”, alusão a senzala, urubu e fezes.
-------------	--	---

TWITTER – IMAGEM DO PERFIL 2



O QUE A IMAGEM EXPRESSA?	DISCURSO DO USUÁRIO	DISCURSO DO COMENTÁRIO
Jogador de futebol negro demonstrando a camisa do time.	“O macaco fez gol? Não levo uma mijada do D’Ale. Macaco cagão igual o segundinos”	A imagem do jogador de futebol de braços abertos caracteriza para a usuária a figura de um macaco que não possui habilidades físicas para exercer funções humanas.

TWITTER – IMAGEM DO PERFIL 3

O QUE A IMAGEM EXPRESSA?	DISCURSO DO USUÁRIO	DISCURSO DO COMENTÁRIO
Mulher negra após o banho.	De acordo com a imagem, esta mulher negra após uma “limpeza” ficaria branca.	Uma marca de produtos de higiene pessoal realizou uma propaganda em que uma mulher negra após utilizar o sabonete líquido fica com a pele “limpa e branca”. Intenção de identificar a eficiência do produto.

TWITTER – IMAGEM DO PERFIL 4



O QUE A IMAGEM EXPRESSA?	DISCURSO DO USUÁRIO	DISCURSO DO COMENTÁRIO
Jogador de futebol negro em campo.	“Mbapé conseguiria fazer uns arrastão top na praia hein”	Um <i>Youtuber</i> correlacionou a imagem do jogador de futebol <i>Mbappé</i> à imagem de um homem preto

que faz arrastão em praias.

TWITTER – IMAGEM DO PERFIL 5



O QUE A IMAGEM EXPRESSA?	DISCURSO DO USUÁRIO	DISCURSO DO COMENTÁRIO
Homem negro encostado em um muro.	“Homem relaxando. Homem à espreita.”	A campanha do Governo do Paraná, intitulada “Teste de Imagem”, mostra dois grupos de profissionais da área de Recursos Humanos e suas reações diante de imagens que mostravam o cotidiano de pessoas anônimas. A diferença é que cada foto contava com duas versões: no primeiro grupo, foram exibidas pessoas arianas em situações corriqueiras. No outro grupo, as mesmas situações eram protagonizadas por pessoas negras. As reações dos entrevistados foram absolutamente díspares, por exemplo, um homem branco encostado em um muro está descansando. Um homem negro na mesma posição está à espreita

TWITTER – IMAGEM DO PERFIL 6


Seguir

a Devassa pode ser multada em até R\$ 6 milhões por essa publicidade racista



12:02 - 5 de out de 2013

O QUE A IMAGEM EXPRESSA?	DISCURSO DO USUÁRIO	DISCURSO DO COMENTÁRIO
Mulher negra deitada.	“É pelo corpo que se reconhece a verdadeira negra.”	A imagem representa as supostas “características” atribuídas às mulheres negras tal como eram no período da escravidão, negras vistas como mercadorias, produtos a serem usados e consumidos. Hipersexualização dos corpos das mulheres negras descrita na frase: “É pelo corpo que se reconhece a verdadeira negra.”

Fonte: A autora, 2018.

6 ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DAS IMAGENS DO CORPO NEGRO

As imagens mostradas apontam a leitura feita por parte dos usuários selecionados em relação aos corpos pretos. Quando temos relatos publicamente compartilhados em mídias sociais que remetem à desumanização ao qual corpos negros foram colocados por povos ocidentais, percebemos a concepção utilizada para estes corpos no período escravocrata.

Retorna-se a um imaginário construído pelos povos colonizadores a crença de que corpos negros são inferiores, sujos, desprovidos de beleza, de aceitação por parte da sociedade, corpos não pertencentes às altas classes sociais, desumanizados, animalizados, incapacitados de inteligência e ações respeitáveis. Se a base da sociedade é estruturada pelo racismo nas relações políticas, sociais e econômicas, a leitura dos corpos pretos dentro dessa sociedade estruturalmente racista tende a ser racista.

Se para sabermos o sentido da imagem precisamos ter o mínimo de conhecimento sobre o que ela realmente representa, o fato de usuários por meio das mídias sociais, assim como fora delas, externalizarem ódio aos negros diz bastante sobre seus conhecimentos acerca do continente africano e seus descendentes. A falta de conhecimento, de empatia, as concepções ocidentais de supremacia e superioridade do branco em relação ao corpo preto, assim como a construção racista que impossibilita o convívio com a alteridade, são observadas nos discursos por meio das mídias sociais, onde a fotografia do corpo negro permanece no campo do inaceitável, do não-humano.

Retornando ao pensamento de Smit (1996, p. 29) a proposta de uma metodologia para análise de uma fotografia presume um entendimento do sentido desta, daquilo que a identifica, dos motivos pelas quais é produzida e, principalmente, das conjunturas em que será utilizada. Em outras palavras, torna-se imprescindível captar a imagem fotográfica, como informação que deve ser tratada e recuperada.

Percebemos que as representações dos usuários acerca do que apontam as imagens, não fazem referência alguma sobre as fotografias que são apresentadas. Quando a análise parte de uma interpretação pautada no racismo e na condição de inferioridade do corpo preto conjeturado histórico, social e economicamente, nos distanciamos da essência deste corpo e o que ele de fato representa antes mesmo da condição forçada, das terras roubadas, da cultura apropriada e da humanidade esvaziada, ao qual este corpo foi obrigado a “ser”.

Figura 2 – Indicadores de denúncias de crimes cibernéticos



Fonte: DATASAFER, 2018.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No intuito de analisar a leitura que a sociedade faz dos corpos negros, este trabalho buscou identificar por meio das mídias sociais, a indexação social assim como a representação que é feita para estes corpos. Pôde-se perceber que apesar da multiplicidade de pessoas negras – todas – foram alvo, sejam por ofensas ou por humilhações. Independentemente da idade, profissão, condição financeira ou formação política, os ataques são recorrentes desde os primórdios da história da colonização até os dias de hoje – a chamada era da informação. Em qualquer meio, um corpo preto é lido como degradante por diversos setores da sociedade.

Compreendemos através da concepção da representação de imagens, que um usuário só pode representar aquilo que conhece. Se os conhecimentos dos povos brancos estão intimamente relacionados a colonizações e explorações de outros povos, torna-se perceptível que esta estrutura de pensamento racista se conserva e se mantém muito bem nos dias atuais. Em outras palavras, aquilo que externalizamos é fruto do que adquirimos ao longo das experiências de sociabilidade.

Embora o corpo negro ainda sofra diariamente com a tentativa de retirada de sua humanidade e embora os povos brancos insistam nas conotações diminutivas sobre um corpo preto, é exatamente este corpo dito como “fraco, animal, burro, inferior” que resiste há mais de 400 anos. O mestre de tradução oral africana Amadou Hampaté Bâ explicita que "tudo é fala que ganhou corpo e forma". (HAMPATÉ BÂ, 2011, p. 185 *apud* FERNANDES, 2015, p. 2). A fala de um pensamento racista sobre o outro, ganhou forma e foi apresentada academicamente por meio desta pesquisa.

O corpo negro apresenta uma leitura sim, mas não a leitura estabelecida pelos povos dominantes. A corporeidade negra fala sobre um corpo que carrega conceitos ancestrais, musicalidade, conexão, ligação com a natureza tal como relações de comunidade.

O conhecimento apresentado sobre corpo enquanto documento e informação se torna primordial para a análise de um corpo negro lido por seus elementos próprios. Corpos guardam memórias, marcas e histórias, são receptáculos de gestos codificados e servem como suporte de conhecimento.

Reafirma-se nesta conclusão a importância do conhecimento a respeito de outros povos para que possamos ser anti-racistas em nossas falas, nossas escritas e em nossas ações.

Na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação esse estudo se mostra relevante porque amplia a atuação do profissional bibliotecário enquanto mediador na formação e contribuição de cidadãos esclarecidos, críticos e participativos em prol de uma sociedade mais justa. A finalidade desse trabalho é fomentar aos bibliotecários, estudantes e sociedade em geral, a contribuição de conhecimentos e experiências objetivando proporcionar uma vivência digna ao coletivo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, G. Corpo-dispositivo: entre o visível e o invisível da informação. **Revista Eco Pós**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 232-243, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1959/2243>. Acesso em: 9 dez. 2017.
- ARAUJO, R. F. Mídias sociais e comunicação científica: análise alométrica em artigos de periódicos da ciência da informação. **Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Rio Grande do Sul, v. 21, n. 1, jan./abr. 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/4656/465645966006/5>>. Acesso em: 20 nov. 2017.
- ARAUJO, S. S. S.; MOURA, M. A. Representações sociais sobre informação e conhecimento na educação a distância: um estudo de caso na UFMG. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 17 n. 33, p. 79-96, jan./abr., 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v17n33p79/21712>>. Acesso em: 8 dez. 2017.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1986. Disponível em: <http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/MARXISMO_E_FILOSOFIA_DA_LINGUAGEM.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2017.
- BUCKLAND, M. K. Information as thing. Tradução de Luciane Artêncio. **Journal of the American Society for Information Science**, São Paulo, v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991. Disponível em: <<http://www.uff.br/ppgci/editais/bucklandcomocoisa.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2017.
- CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise do discurso versus análise de conteúdo. **SciELO**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-694, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>>. Acesso em: 19 jul. 2018.
- CARNEIRO, M. A. S. O corpo do negro como suporte da estética religiosa de matriz africana no Brasil colonial. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, 11, 2009, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UFG, 2009. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/01/art_CARNEIRO_corpo_negro_estetica_religiosa.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2017.
- CHAUMIER, J. Indexação: conceito, etapas e instrumentos. In: TRAVAIL ET MÉTHODES DU/DE IA DOCUMENTALISTE. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 21, n. 1/2, p. 63-79, 1988. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/11407>>. Acesso em: 18 nov. 2017.
- CORRÊA, L. G. **De corpo presente**: o negro na publicidade em revista. 2006. 125 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/VCSA-6WHMDM>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

COSTA, J. B. A prece de Frantz Fanon: oh meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona! **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, Rio Grande do Sul, vol. 16, n. 3, jul./set., p. 504-521, 2016. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/22915>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

DODEBEI, V. L. D. Construindo o conceito de documento. In: LEMOS, T.; MORAES, N. A. de (Org.). **Memória e construções de identidades**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001.

FERNANDES, A. P da S. Entre água e fogo: Vivências de cosmologias africanas em Candomblé. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28, 2015, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2015. Disponível em:

<http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428375542_ARQUIVO_artigoanpuh.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2018.

FERREIRA, D. A. O Corpo como local de discurso: artistas mulheres em África. **Sankofa: Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, São Paulo, ano 7, n. 13, p. 29-49, jul. 2014. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/viewFile/88949/91812>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

FANON, F. **Pele negra máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/wpcontent/uploads/2013/08/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_branças.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2017.

FUNDAÇÃO Cultural Palmares. **Comunidades remanescentes de quilombos (CRQ's)**.

Brasília, 2017. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/comunidades-remanescentes-de-quilombos-crqs>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

GELEDÉS Instituto da Mulher Negra. **Chimamanda Adiche: o perigo de uma única história**. 2010. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/>>. Acesso em: 8 dez. 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2017.

GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, [S.l.], n. 21, p. 40-51, set./dez., 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2017.

GUEDES, R. M.; DIAS, E. J. W. Indexação social: abordagem conceitual. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 39-53, 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/8892>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

GUEDES, R. M.; MOURA, M. A.; DIAS, E. J. W. Indexação Social e Pensamento Dialógico: reflexões teóricas. **Informação & Informação**, Londrina, v. 16, n. 3, p. 40 – 59, jan./jun. 2011. Disponível em:

<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/10477/10642>>.
Acesso em: 20 nov. 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; Fórum Brasileiro de Segurança Pública Atlas da violência. In: **Atlas da Violência**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/06/FBSP_Atlas_da_Violencia_2018_Relatorio.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2018.

LADISLAU, C. R.; PIRES, I. M. A aparência institucionalizada: imagens do corpo nas revistas do CONFEF. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, n. 15, 2007, Pernambuco. **Anais...** Pernambuco: Centro de Convenções de Pernambuco, p. 1-9, 2007. Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/docs/cd/resumos/063.pdf>>. Acesso em: 9 dez. 2017.

LEAL, A. P; ALVES, L. M. N. Análise semiótica da linguagem publicitária. In: SEMINÁRIO CIENTÍFICO DA FACIG, n. 1, 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://pensaracademico.facig.edu.br/index.php/semiariocientifico/article/viewFile/256/231>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

LE COADIC, I. F. **A ciência da informação**. Tradução de Maria Yêda F. S. de Figueiras Gomes. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1996. Disponível em: <<http://www.restaurabr.org/siterestaurabr/CICRAD2011/M1%20Aulas/M1A3%20Aula/20619171-le-coadic-francois-a-ciencia-da-informacao.pdf>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

MAINIERI, T.; RIBEIRO, E. M. A. O. A comunicação pública como processo para o exercício da cidadania: o papel das mídias sociais na sociedade democrática. **Revista Organicom**, [S.l.], v. 8, n. 14, p. 49-61, maio 2012. Disponível em: <<http://revistaorganicom.org.br/sistema/index.php/organicom/article/view/339/380>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

MARCONDES, C. H. Linguagem e documento: fundamentos evolutivos e culturais da ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 2, p. 2-21, 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000009047/915e5fa2d58af9a6dea1f4e72f237197/>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india>. Acesso em: 8 dez. 2017.

MAZZOTTI, A. J. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à Educação. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n. 61, p. 60-78, jan./mar., 1994. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1944/1913>>. Acesso em: 8 dez. 2017.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Disponível em:

<https://monoskop.org/images/0/07/Merleau_Ponty_Maurice_Fenomenologia_da_percep%C3%A7%C3%A3o_1999.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2017.

MESQUITA, L. S. O. **As representações sociais dos usuários da biblioteca setorial do CCEN sobre o profissional bibliotecário**. 2011. 82 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: <<http://www.ccsa.ufpb.br/biblio/contents/tcc/tcc-2011/representacoes-sociais-dos-usuarios-da-biblioteca-setorial-do-ccen-sobre-o-bibliotecario.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2017.

MIRANDA, S. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 99 – 114, set./dez. 2006. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a10.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

MORAES, J. K. L. de. Simbologia do corpo no ritual do candomblé. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos**, São Paulo. n. 29-30, p. 141-156, 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/africa/article/view/96112/95335>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

MOURA, M. A. Ciência da Informação e Semiótica: conexão de saberes. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, n. 2 esp., 2. sem., 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2006v11nesp3p1/430>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

O ESPAÇO da África no Brasil. **Muniz Sodré**. Nós Transatlânticos. [S.l]: Nós Transatlânticos, 2017. 16'51''. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8asUpAkFbu4>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

OLIVEIRA, V. S. ALMEIDA, C. C. Os processos de análise semiótica e de análise documental: uma comparação. In: SEMINÁRIO DE ARQUIVOLOGIA E BIBLIOTECONOMIA, n. 4, 2015, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNESP, out. 2015. Disponível: <<http://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/seminariodearquivologiaebiblioteconomia/oliveira-v.s.almeida-c.c..pdf>>. Acesso em: 9 dez. 2017.

O QUE é racismo estrutural? **Silvio Almeida**. TV Boitempo. [S.l]: TV Boitempo, 2016. 10'28''. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PD4Ew5DIGrU>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

ORTEGA, C. D.; LARA, M. L. G. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. **DataGramZero**, v. 11, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000008400/cca9a49474077340b069f1222c313618/>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

PORTAL da Metodologia. **Análise do discurso**. Portal da Metodologia. [S.l], 2016. 2'10''. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aylreunPnjg>>. Acesso em: 8 dez. 2017.

REIS, M. C. G. Corporeidade e infâncias: reflexões a partir da Lei nº 10.693/03. In: **Modos de brincar**: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. Disponível em: <<http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/MODOSBRINCAR-WEB-CORRIGIDA.pdf>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

REVISTA Fórum. **Mulher negra e saúde: a invisibilidade adoce e mata!** 2014. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/digital/176/mulher-negra-e-saude-invisibilidade-adoce-e-mata/>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

REZENDE, E. **Dados, Informação e Conhecimento: o que são?** 2015. Disponível em: <<http://eliana-rezende.com.br/dados-informacao-e-conhecimento-o-que-sao/>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

RIBEIRO, D. **O Racismo é uma problemática branca.** [S.l.]: Carta Capital, 2016. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/201co-racismo-e-uma-problematica-branca201d-uma-conversa-com-grada-kilomba>>. Acesso em: 23 de junho de 2017.

SHINTAKU, Milton et al. A implantação do projeto-piloto das mídias sociais no Ibict: a página do Facebook institucional. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 1, p. 124-137, mar. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/69282>>. Acesso em: 09 dez. 2017.

SILVA, J. G. Corporeidade e identidade, o corpo negro como espaço de significação. Universidade Católica de Salvador. In: CONGRESSO INTERNACIONAL INDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES, v. 17, n. 3, 2014, Salvador. **Anais...** Salvador: Universidade Católica de Salvador, p. 263-275, out. 2014. Disponível: <<http://aninter.com.br/Anais%20CONINTER%203/GT%2017/18.%20SILVA.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

SMIT, J. W. A representação da imagem. **Informare: cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**. Rio de Janeiro, v.2, n. 2, p. 28-36, jul./dez. 1996. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000003191/6d3525c87bbe9499da8dd82cd508b9a6/>>. Acesso em: 7 jul. 2018.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 2. ed., 1983. 87 p. Disponível em: <https://clinicasdotestemunhosc.weebly.com/uploads/6/0/0/8/60089183/4-racismo-jurandir_1.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2017.

SUSSAI, A. O. **Análise da atribuição das hashtags no instagram para a representação de imagens.** 2014. 58 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/10799/1/TCC%20-%20Biblioteconomia%20-%20Andressa%20de%20Oliveira%20Sussai>>. Acesso em: 8 dez. 2017.

TANUS, G. F. S. C.; RENAU, L. V.; ARAÚJO, C. A. A. O Conceito de documento em Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 158-174, 2012. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/viewFile/220/234>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

TELLES, A. **A revolução das mídias sociais: cases, conceitos, dicas e ferramentas.** São Paulo: M. Books, 2010. Disponível em: <<http://www.andretelles.net.br/downloads/a-revolucao-das-midias-sociais-andre-telles.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2017.

WIKIPÉDIA a enciclopédia livre. **Instagram**. 2017. Disponível em:
<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Instagram>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

WIKIPÉDIA a enciclopédia livre. **Twitter**. 2017. Disponível em:
<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>>. Acesso em: 8 dez. 2017.